



UNICAMP

P24.05

**EVENTO:** "DÉLUGE" UNE IMAGENS SEM PROFUNDIDADE"

**VEÍCULO:** O ESTADO DE SÃO PAULO

**DATA:** 9 agosto 96

**PÁGINA:** D-9

**SEÇÃO:** CADERNO 2



## 'Déluge' une imagens sem profundidade

*A coreografia da canadense Ginette Laurin incomodou, com seu tom sombrio e raso*

HELENA KATZ  
Especial para o Estado

**C**onhecer a canadense Ginette Laurin por *Déluge*, espetáculo que apresentou no Teatro Municipal de São Paulo na sua primeira turnê brasileira, não explica a razão de ela ser tratada, em Quebec, como uma coreógrafa genial. Mais parece uma daquelas primeiras alunas das classes de composição que carecem de um professor que as impeça de se fascinarem com sua facilidade em juntar passos.

Ela domina o métier de compor imagens. O problema é que as trata como quem coleciona figurinhas num álbum. Vai colando uma depois da outra, como se conduzida por uma necessidade de produzir catálogo bonito.

Falta, basicamente, densidade. Visto de um balcão nobre bem lateral, com visão parcial, por quem já assistiu como se deve, isto é, partilhando a frontalidade com que a obra foi criada, se explicita ainda mais a sua falta de intimidade com as texturas do espaço. Ginette Laurin simplesmente distribui seu material pela cena, mas não engendra uma composição.

Talvez por isso, ao seu resultado falte a concretividade que produz aquela mágica que transforma montes de passos de dança numa boa coreografia. Talvez por isso, a tonalidade monocórdica escura de *Déluge* incomode tanto. É apenas escuro, nunca sombrio, no seu sentido de qualidade teatral.

Tudo fica muito raso, sempre. Ginette Laurin anunciou que se interessava em refletir as questões catastróficas associadas ao milenarismo. Daí a associação que firmou com a Idade Média, tanto na música quem emprega quanto na iluminação e nos figurinos de *Déluge* -- e que faci-



O balé: problemas estruturais

litam uma ligação visual entre o ano 1000 e o ano 2000.

Estabeleceu uma relação cíclica entre as duas épocas que reflete suas pesquisas sobre mitos desse tema. Fez

mais ainda: projetou, analogicamente, a noção de ciclo para a própria ligação do fim com o começo do mundo. Tudo muito bem estruturado. Pena que só na sua cabeça, como compreensão intelectual do assunto.

Nos corpos dos seus bailarinos, na cena que embrulha com apuro, na sua dança, a profundidade indispensável a uma reflexão destas não se dá a ver. Basta atentar para a fragilidade do seu domínio espacial para perceber que faltou ao seu

professor de composição coreográfica um certo rigor no controle dos seus jorros de seqüências. Quando luz, cenografia e figurinos se mostram excessivamente como adereços, geralmente estão apontando para problemas na coreografia.



## Crítica

**B**AILARINOS  
NÃO TÊM  
DOMÍNIO  
ESPACIAL